

Entre a audiência e o sensacionalismo: a violência simbólica no campo das produções jornalísticas sob a ótica de Pierre Bourdieu¹

Viviane da Silva MENDES²

Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano, SP

Carlos Jorge Barros MONTEIRO³

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

RESUMO

Via de regra, é impossível vivermos em uma sociedade sem um “sistema simbólico” que nos defina um padrão de convivência para as relações simbólicas e a comunicação, pois essas relações se dão pelo conjunto de valores, crenças, rituais e métodos institucionais nos quais estamos habituados a conviver desde os primórdios de nossa sociedade.

Este estudo se concentrou em caracterizar algumas propriedades do campo jornalístico como: fato, oferta, tempo de produção, relação entre profissionais, ética jornalística e a manipulação das informações em programas tidos como sensacionalistas, sob a ótica de Pierre Bourdieu.

Palavras-chave: violência simbólica, poder simbólico, televisão, sensacionalismo, programas jornalísticos.

Introdução

Quando nos propomos a estudar a TV aberta brasileira é de suma importância termos sempre em mente que estamos falando de uma TV comercial, na qual o objetivo principal é o lucro da empresa. Logo, esse interesse é atingido pelos altos índices de audiência, como declara José Carlos Aronchi⁴: “A televisão comercial aberta visa o lucro do empresário, dessa forma, ela procura audiência. Então, quando ela cria um programa, ela

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação na Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS, bolsista CAPES e jornalista pós-graduada em Comunicação Televisiva. E-mail: vivianemendes.assessora@gmail.com

³ Jornalista, radialista, palestrante, professor Mestre e coordenador do curso de Comunicação Social na Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo. Atualmente cursa Doutorado em Comunicação e TV Digital na Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. Autor do livro: Para que serve a TV Legislativa no Brasil e o mundo, 2011. E-mail: cbmonteiro@email.com.br

⁴ Em entrevista concedida à pesquisadora em 14/05/2008 para o projeto de Pesquisa Científica: Educação e cidadania na mídia – um estudo da grade de programação da TV aberta brasileira, apresentado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba/PR, 2009.

cria pensando em uma falha de audiência de sua grade, ou então na falha de audiência de um concorrente que merece um investimento em um determinado horário pra poder competir com um produto de melhor qualidade”.

Este estudo vem propor uma reflexão sobre o poder simbólico que é exercido por meio das produções jornalísticas veiculadas diariamente nos programas jornalísticos como, por exemplo, Brasil Urgente, TV Bandeirantes; o atual Cidade Alerta e o extinto SP Record, ambos da Rede Record que, em nome da audiência, tornaram esse meio de informação um verdadeiro espetáculo. Será que é possível uma única pessoa determinar qual notícia merece mais destaque? Qual é, de fato, o objeto deste programa? O que ele tende a representar?

Num certo sentido, podemos dizer que o telejornal é uma colagem de depoimentos e fontes numa sequência sintagmática, mas essa colagem jamais chega a constituir um discurso unitário, lógico ou organizado a ponto de poder ser considerado “legível” como alguma coisa “verdadeira” ou “falsa”. As informações veiculadas nesse gênero televisual constituem, antes de mais nada, um processo em andamento. O telejornal, não esqueçamos, é um programa realizado ao vivo, ainda que utilize material pré-gravado ou de arquivo, e em geral é “fechado” poucos minutos antes de entrar no ar, ainda com as últimas notícias chegando na redação. (MACHADO, 2003, p.110).

O objetivo aqui não é discutir audiência, mas identificar quais os discursos simbólicos que estes programas se utilizam para levar ao ar diariamente suas notícias e de que forma esse discurso influencia diretamente o entendimento das informações por parte do telespectador. Este estudo concentrou-se em caracterizar algumas propriedades do campo jornalístico como: fato, oferta, tempo de produção, relação entre profissionais, efeitos, entre outros, chegando à questão da ética jornalística e da manipulação das informações como propõe Pierre Bourdieu⁵.

É fato que em um processo de produção de um programa de televisão, seja ele de entretenimento ou informação, os recursos utilizados têm o poder de mudar os fatos. Tanto o “ao vivo” quanto o recurso de “edição” podem alterar a ordem dos acontecimentos, possibilitando à opinião pública se antecipar a acusar, julgar e condenar alguém, antes mesmo da decisão da justiça, como aconteceu em 2008 com Alexandre Nardoni e Ana Carolina Trota Jatobá⁶.

⁵ Sociólogo francês que desenvolveu diversos estudos sobre a Teoria Sociológica Contemporânea e que será a base teórica deste estudo.

⁶ Casal condenado pela morte de Isabela Nardoni, cinco anos. O crime aconteceu em 28 de março de 2008 e a condenação foi atribuída em 26 de março de 2010.

Vale lembrar que não é possível vivermos em sociedade sem um “sistema simbólico” que nos defina um padrão de convivência para as relações simbólicas e a comunicação, visto que essa definição é dada pelo conjunto de valores, crenças, rituais e métodos institucionais na qual estamos habituados a conviver desde os primórdios de nossa sociedade. Via de regra, os sistemas simbólicos são envolvidos por uma ideologia que, por sua vez, é exercida por indivíduos que estão em uma posição de “preferência”, ou seja, de quem detém o poder e que o utiliza para promover e defender seus próprios interesses, para Bourdieu “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (1998, p.7).

Dessa forma, este estudo além de propor uma reflexão, pretende estimular a participação coletiva dos profissionais da comunicação, pesquisadores, bem como da sociedade como um todo, a fim de construir uma instância mais eficaz de julgamento crítico, capaz de se opor a *violência simbólica*⁷ exercida por programas que utilizam esse recurso para elevar a audiência de suas programações. Registramos aqui uma preocupação com as notícias veiculadas diariamente por estes programas nos quais prevalecem o sensacionalismo e o espetáculo em nome da audiência.

Procedimentos Metodológicos

No primeiro momento, foram realizadas as revisões bibliográficas, verificando diversos materiais já publicados e veiculados sobre o tema como livros, artigos acadêmicos, revistas, jornais, televisão, rádio e portais noticiosos.

Em um segundo momento, a pesquisa foi exploratória, ou seja, por meio de uma busca de imagens na internet que, em seguida, foram gravadas para documentação. Foram selecionadas imagens de alguns programas jornalísticos, como por exemplo, Brasil Urgente, Cidade Alerta e o extinto SP Record, que se dedicaram à cobertura de casos que marcaram a história do país no cenário policial como os casos Isabela Nardoni, Eloá Cristina Pimentel, Mércia Nakashima e o mais recente Marcio Matsunaga. Nesta etapa, foram considerados os aspectos audiovisuais como: roteiro de edição, falas (dos repórteres, apresentadores e envolvidos) e a exploração dos casos por parte desses programas. Devido

⁷ Bourdieu define violência simbólica como sendo aquela que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la.

à dificuldade em ter acesso às imagens captadas pelas próprias emissoras, utilizamos para documentar a pesquisa vídeos publicados na internet, especialmente no You Tube.

Após a pesquisa exploratória e já com a posse das imagens, foi realizada uma análise sob a ótica de Pierre Bourdieu. Na análise nos concentramos em caracterizar as propriedades do campo jornalístico, fato, oferta, tempo de produção, relação entre profissionais e efeitos, chegando à questão da ética jornalística e manipulação da informação, para identificar quais são os discursos simbólicos que tais programas se apropriam e de que forma a *violência simbólica* exercida por esses programas influencia a opinião pública.

O legado de Pierre Bourdieu

Considerado um dos intelectuais mais influentes de sua época, o sociólogo Francês Pierre Bourdieu, desenvolveu ao longo de sua vida diversos estudos sobre a Teoria Sociológica Contemporânea. Catedrático do *Colège de France*, seus primeiros estudos tiveram início no meio acadêmico e discorreram sobre a educação, a cultura, a literatura e a arte. Nos últimos 30 anos, tais estudos avançaram por vários campos das Ciências Sociais, principalmente no que tange os meios de comunicação e a política. Seu legado é composto por sofisticadas obras, dentre as quais a teoria dos campos de produção simbólica – uma das mais estimulantes e inovadoras.

As estruturas simbólicas, objeto de estudo de Bourdieu, deram origem a uma de suas principais obras: **O poder simbólico**, que nasceu de um conjunto de pesquisas sobre o simbolismo e foi apresentada em uma conferência em Chicago, em abril de 1973. Nessa obra, ele afirma que o *poder simbólico* é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*⁸. Para o autor, o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama de *conformismo lógico*, quer dizer, “uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências”. (BOURDIEU, 1998, p.09).

Apropriando-se de conceitos como legitimidade, estratégia, classe social, interesse e capital simbólico, o sociólogo avança para outros domínios da sociedade e dos campos sociais, em especial o da produção intelectual, denominado pelo autor de *Homo Academicus*⁹ e da produção jornalística.

⁸ Ramo da filosofia que se preocupa com a validade do conhecimento em função do sujeito cognoscente, ou seja, daquele que conhece o objeto.

⁹ Estudo que o autor chamou de dedicação do homem ao ramo acadêmico e científico.

No campo da produção jornalística destacamos a obra **Sobre a Televisão**¹⁰ – **seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos**. O *best-seller* que gerou acirrada polêmica discorre sobre os mecanismos utilizados no campo das produções jornalísticas. Bourdieu se utiliza do espaço acadêmico e midiático e lança uma discussão em torno da produção jornalística, com o propósito de demonstrar como um instrumento de democracia, caso da televisão, pode se transformar em um instrumento de violência simbólica, por meio de imagens e discursos exibidos, para o autor “A violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la” (1997, p.22).

Nessa obra, o autor destaca as propriedades do campo jornalístico, fato, oferta, tempo de produção, relação entre os profissionais, efeitos até chegar à questão da ética jornalística. Para o sociólogo, “O princípio de seleção é a busca do sensacional, do espetacular. A televisão convida a dramatização, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, e o caráter dramático, trágico”. (BOURDIEU, 1997, p.25). Se o princípio de seleção, como afirma o autor, é a busca pelo sensacional e o espetacular, programas jornalísticos como Brasil Urgente e Cidade Alerta exercem diariamente a violência simbólica, pois priorizam o dramático, o sensacional, o espetacular. A busca pelo *furo de reportagem* faz com que o processo de seleção das notícias para estes programas, parta do princípio do sensacional, do espetacular, pois é preciso comover o telespectador, como identificamos na entrevista que o repórter Márcio Campos da TV Bandeirantes fez com a mãe de Isabela Nardoni. Na ocasião, o repórter insistia para que Ana Carolina refizesse o trajeto da noite em que sua filha foi jogada do sexto andar de um prédio e ela só falta suplicar para que ele não peça isso e a mesma se recusa a fazer, mesmo o repórter sendo insistente. A entrevista mostrou um forte apelo emocional e o principal, a violência simbólica foi exercida sem preocupação.

Sistema simbólico e suas representações

Os sistemas simbólicos podem ser apresentados como *estruturas estruturantes* que envolvem diferentes universos simbólicos: mito, língua, arte, ciência, religião como sendo instrumentos de conhecimento e de construção do mundo dos objetos que denominamos *formas simbólicas* como propõe Marx em teses sobre *Feuerbach*:

¹⁰ Trata-se de uma literatura composta por três textos, os dois primeiros reproduções de um curso do *Collège de France* transmitido pela televisão francesa.

Na mesma linha, mas com uma intenção mais propriamente histórica, Panofsky trata a perspectiva como uma *forma histórica*, sem toda via ir até à reconstrução sistemática das suas *condições sociais* de produção. Durkheim inscreve-se explicitamente na tradição Kantiana. Todavia porque quer dar uma resposta “positiva” e “empírica” ao problema do conhecimento evitando a alternativa do apriorismo e do empirismo, lança os fundamentos de uma sociologia das formas simbólicas (...) Com Durkheim, as formas de classificação deixam de ser formas universais (Transcendentais) para se tornarem (como implicitamente em Panofsky) em *formas sociais*, quer dizer, arbitrárias (relativas a um grupo particular) e socialmente determinadas. (BOURDIEU, 1997, p.8).

Para o autor, nessa tradição *idealista*, a objetividade de sentido do mundo define-se pela concordância das subjetividades estruturantes, *senso = consenso*¹¹.

E como estruturas estruturadas, os sistemas simbólicos, de acordo com Bourdieu, realizam uma análise estrutural na qual constituem o instrumento metodológico, “a análise tem em vista isolar a estrutura imanente a cada produção simbólica” (1977, p.9), mas de forma diferente da tradição neo-kantiana que insiste no *modus operandi*, na atividade produtora da consciência, a tradição estruturalista privilegia o *opus operatum*, as estruturas estruturadas, conclui o sociólogo. Neste sentido, os sistemas simbólicos são instrumentos por excelência da integração social, enquanto instrumentos de conhecimento e comunicação. “Eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração lógica é a condição da integração moral.” (BOURDIEU, 1997, p.10).

Violência Simbólica versus mídia

Quando falamos em violência simbólica é importante destacar que ela é exercida por distintas instituições sociais, tal como o Estado com seus discursos políticos, as leis, normas e diretrizes que constituem nosso governo, na religião com sermões e pregações, nas artes na constituição de um padrão de belo, e por fim nos meios de comunicação quando um jornal apresenta uma notícia de forma a torná-la única e verdadeira e o receptor acredita veementemente nessa informação. A mídia estabelece a violência simbólica por intermédio da veiculação de imagens – símbolos – que por sua vez se impõe pela legitimação da indústria cultural.

O que está nela em jogo é o poder de se apropriar, se não de todas as vantagens simbólicas associadas à posse de uma identidade legítima, quer dizer, susceptível de ser publicamente e oficialmente afirmada e reconhecida (identidade nacional), pelo menos as vantagens negativas

¹¹ Senso: faculdade de raciocinar e de julgar; Consenso: entendimento coletivo.

implicadas no fato de já se não estar sujeito a ser-se avaliado ou avaliar-se (pondo-se a prova na vergonha ou na timidez ou procurando acabar com o velho homem mediante um esforço incessante de correção) em função dos critérios mais desfavoráveis. (BOURDIEU, 1997, p.125).

A violência simbólica é exercida pelas instituições que se apoiam no exercício legítimo da autoridade que lhe é conferida pela aprovação dos dominados, todavia, essa dominação implica na aceitação dessas regras.

A revolução simbólica contra a dominação simbólica e os efeitos de intimidação que ela exerce tem em jogo não, como se diz, a reconquista de uma identidade, mas a reapropriação coletiva deste poder sobre os princípios de construção e de avaliação de sua própria identidade de que o dominado abdica em proveito do dominante enquanto aceita ser negado ou negar-se (e negar os que, entre os seus, não querem ou não podem negar-se) para se fazer reconhecer¹². (BOURDIEU, 1997, p.125).

A mídia mantém uma relação estreita com as formas de controle e de violência simbólica sobre as massas, a fim de estabelecer um poder simbólico e exercitar seu domínio sobre a opinião pública. Este poder torna-se efetivo quando imposto sobre aqueles que a ele se submetem, logo, o telespectador que se coloca na condição de mero consumidor de informação. Para o sociólogo, uma parte da ação simbólica da televisão, no plano das informações, por exemplo, consiste em atrair a atenção para fatos que são de natureza a interessar a todos, dos quais se pode dizer que são *omnibus* – isto é, para todo mundo.

A busca pelo sensacional

Tem se tornado comum a realidade fundir-se à ficção. “Sintomaticamente, as três últimas décadas foram ricas em filmes que tiveram a mídia como tema – mais especificamente, a relação entre mídia, notícia e espetáculo”. (ARBEX, 2003, p.52). O sequestro de Santo André pode ser facilmente comparado ao filme “O Quarto Poder¹³” não apenas pela semelhança em que uma vítima do sequestro entra e sai do local do cativo, mas pela postura da mídia, que a qualquer custo quer dar a notícia, o furo de reportagem.

O que importa, nos atuais programas de telejornalismo, é o impacto da imagem, assim como o ritmo de sua transmissão. Como no videoclipe, uma sucessão de imagens é “costurada” de maneira aparentemente aleatória, mas que em seu conjunto reforçam uma certa mensagem (...) No caso do telenoticiário, as imagens reiteram uma certa percepção do mundo (mulheres com véu no Islã, negros famintos na África, “Bandidos” negros, etc.). O que se fixa na memória do telespectador, são *flashes*. (ARBEX, 2003, p.53).

¹² Segundo Bourdieu esta alternativa impõe-se também aos membros da classe dominadas, na medida em que a dominação econômica é acompanhada quase inevitavelmente de uma dominação simbólica.

¹³ Ano de lançamento, 1977. Título original – *Mad City*.

Em 22 de março de 2012 presenciamos em todos os telejornais e demais veículos de comunicação o desfecho do caso Isabela Nardoni, onde os cinco dias de julgamento dos indiciados foram transmitidos simultaneamente por todas as emissoras de TV e que se tornou alvo de discussão por parte de órgãos públicos como a TV Câmara. Dias depois o programa Ver TV, em sua edição do dia 15 de abril, debateu a justiça na TV. Sob o comando de Laurindo Lalo Leal Filho a edição discutiu as transmissões ao vivo das sessões do Supremo Tribunal Federal; as transformações de casos policiais em verdadeiros espetáculos; e como a TV por vezes acusa, julga e condena simples suspeitos, antecipando-se às decisões da Justiça. Na ocasião podemos perceber o poder que a televisão exerce sob a opinião pública. Para Bourdieu, a televisão não é muito propícia à expressão do pensamento. Um dos problemas levantados pela televisão é a questão das relações entre o pensamento e a velocidade. Afinal, pode-se pensar com velocidade?

Influências do campo jornalístico

1. *Fast Thinking*

De acordo com Bourdieu, sobre a televisão, o índice de audiência exerce um efeito interiramente particular. Para o autor; “ele se retraduz na pressão da urgência” (1997, p.38). Daí a concorrência entre as emissoras de televisão, entre os telejornais tomam formas de concorrência pelo *furo*, é preciso ser o primeiro. Podemos citar como exemplo os desdobramentos que sucederam no sequestro de Santo André e que gerou grande polêmica entre a imprensa e órgãos públicos. Em busca pelo furo de reportagem, a necessidade de sair na frente da concorrência foi o que motivou o repórter Luís Guerra ligar para o sequestrador Lindemberg Alves. “Se eu não fizesse outro jornalista faria. A própria Record fez algo curioso, quando eu coloquei o sequestrador ao vivo eles me ligaram e disseram: Guerra, me passa o telefone do Lindemberg. Você sabe que o bom filho a casa torna. Mas o mérito todo foi da produção que conseguiu o telefone dele”.

Em suma, há objetos que são impostos aos telespectadores porque se impõem aos produtores; e se impõem aos produtores porque são impostos pela concorrência com outros produtores. Essa espécie de pressão cruzada que os jornalistas exercem um sobre os outros é geradora de uma série de consequências que se retraduzem por escolhas, por ausências e presenças. (BOURDIEU, 1977, p.38).

De fato, como afirma o autor, a televisão não é propícia à expressão do pensamento, existe um elo negativo entre a urgência e o pensamento, logo a origem da expressão *Fast Thinking*, “pensamento rápido”.

Um dos maiores problemas levantados por quem estuda a televisão é a questão das relações entre o pensamento e a velocidade, já que, quando se emite uma ideia feita é como se isso estivesse dado o problema como resolvido.

A televisão pode jogar com imagens que, não raro, dizem e explicam muito mais do que vinte, trinta ou quarenta linhas escritas. O risco que se corre, em tevê, é o de conformar-se com o meramente factual, já que o tempo disponível para enuncia-lo é tão curto, deixando o repórter de obter a visão global do assunto focalizado, mesmo que seja para não coloca-lo no ar. (ROSSI, 1986, p. 43).

Para Pierre Bourdieu, “a comunicação é instantânea porque, em certo sentido, ela não existe. Ou é apenas aparente”. (1977, p.40). Por definição, o pensamento é subversivo, ele deve desmontar as “ideias feitas”, para logo em seguida demonstrar.

2. Com a palavra, a audiência

É fato que o índice de audiência está, atualmente, em todas as cabeças. Se, para Aronchi, a televisão comercial visa o lucro do empresário, logo, ela busca a audiência para se manter. “Quando uma emissora cria um programa, ela cria pensando em uma falha de audiência de sua grade, ou então na falha de audiência de um concorrente que merece um investimento maior em um determinado horário para poder competir com um produto de melhor qualidade”, conclui.

A concorrência diversificada entre as emissoras de televisão, os jornalistas, os jornais etc, devem-se, em parte, ao fato de que a produção é feita de forma coletiva. O trabalho coletivo realizado entre a apresentadora Sônia Abrão e o repórter Luís Guerra rendeu ao programa A Tarde é Sua um pico de audiência altíssimo, como declara o repórter: “Quando eu cheguei na produtora a produtora se encontrava eufórica. Ela me disse que havia conseguido o telefone do sequestrador, então eu pedi ao diretor que deixasse eu falar com ele. E sob autorização do diretor do programa eu liguei. Isso me rendeu muitas críticas, mas a minha intenção naquele momento não foi buscar a audiência. Ali eu me coloquei no papel de pai, de alguém que queria livrar aquele rapaz daquela situação, eu tirei o profissional e deixei o ser humano, o chamava de meu filho. Eu não queria que ele me visse ali falando com ele apenas para dar um furo de reportagem (...). Eu fui o primeiro jornalista a falar com ele, depois a Sônia ligou e falou ao vivo com ele. É claro que a audiência foi altíssima naquele momento, tanto que a Record pediu o telefone dele e eu passei. A Globo pediu, eu passei”, finaliza o repórter.

É possível detectar uma contradição no discurso do repórter, algo que é discutido constantemente até mesmo entre os profissionais da comunicação. É possível ser imparcial nesse tipo de situação? Como deixar de lado o profissional quando se está sob exercício da profissão a fim de dar a notícia em primeira mão?

É claro que, como jornalista, todos pensam em dar o tão sonhado ‘furo’ de notícia, sair na frente, ligar primeiro e falar com o sequestrador. Mas não é isso que manda o manual de redação de um departamento de jornalismo responsável. E assim determinou a direção de jornalismo da emissora. Nenhum repórter, produtor ou apresentador estava autorizado a ligar para os números de telefones usados para negociar a rendição do criminoso e a liberação da vítima. (CAMPOS, 2008, p.38 e 39).

Embora tenham afirmado por muitas vezes que não estavam preocupados com a audiência, o programa A Tarde é Sua, que normalmente registra entre 1 ou 2 pontos de audiência, na ocasião registrou uma média de cinco pontos.

3. O poder de voz do apresentador

Não identificamos outro papel em um apresentador de telejornal, senão o de impressionar os espectadores. É o apresentador quem impõe o assunto, a problemática e isso é visível nos programas jornalísticos, em especial os opinativos, como Brasil Urgente, Cidade Alerta, SP Record entre outros, sob esta ótica Arlindo Machado declara:

Se os âncoras têm poderes de decidir sobre as vozes que entram e saem, portanto de delegar voz aos outros, se ele permanece a fonte principal de organização dos enunciados, estamos diante de um telejornal de modelo centralizador e opinativo (...) o enunciador televisual, neste caso, se constrói através de um discurso indireto: o apresentador chama o repórter, que por sua vez chama o entrevistado e assim vamos encaixando uma voz dentro da outra, como no recurso linguístico das citações. (2003, p.108).

Muitos se irritam com as constantes intervenções que o apresentador José Luiz Datena faz na fala de seus entrevistados, ou até mesmo na dos repórteres. De acordo com Bourdieu isso ocorre de forma inconsciente, “O próprio apresentador intervém pela linguagem inconsciente, por sua maneira de fazer as perguntas, por seu tom: dirá a uns, com um tom cortante, (1977, p.44). O poder de voz do apresentador está em distribuir os tempos e o tom das palavras, respeitoso ou desdenhoso, atencioso ou impaciente. O sociólogo enfatiza dizendo: “Quando se quer que alguém que não é um profissional da palavra chegue a dizer coisas é preciso fazer um trabalho de assistência a palavra. (1977, p.47). Para quem lida com pessoas, sentimentos e emoções diariamente isso não é muito difícil. Segundo Theodor Adorno “A atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural de hoje não tem necessidade de ser explicada em termos psicológicos” (2002, p. 16).

Neste sentido, recai também sobre o apresentador e o repórter o poder de exercer a violência simbólica, o que geralmente é feito por ambos sem perceberem.

A voz relatora permanece atada a um corpo, corpo este submetido, como os demais ao seu redor, às leis do espaço físico onde ele está situado. O fato de todas essas vozes terem um nome (os repórteres são sempre identificados no telejornal) é também bastante significativo para a individualização do relato, ou mais exatamente, para uma identificação de um relato com um sujeito enunciador. (MACHADO, 2003, p.105).

Para Bourdieu, é preciso romper com este círculo, “É preciso proceder por transgressão, mas a transgressão não pode ser senão através da mídia; é preciso conseguir produzir um ‘choque’ que interesse ao conjunto da mídia ou pelo menos a um dos meios de comunicação e que poderá ser reforçado pelo efeito da concorrência”. (1977, p. 35).

Propriedades do campo jornalístico

Para compreender como o campo jornalístico contribui para reforçar a violência simbólica no seio de todos os campos, sendo eles o comercial em detrimento do puro, é preciso a uma só vez perceber que ele se organiza segundo uma estrutura homóloga a dos outros campos, é o que propõe Bourdieu. O fluxo ininterrupto das imagens e sons, a fabricação da opinião, sugere um processo contínuo para formação da opinião pública.

Esse mecanismo de “fabricação da opinião” simula a democracia: aparentemente, a “opinião” divulgada pela mídia interfere no curso dos acontecimentos, dando a ilusão de que o público foi levado em consideração. Na realidade, os indivíduos permanecem isolados, espalhados pelas mais distintas cidades, regiões, Estados e países, sendo virtualmente “unificados” pela mídia, mas sem terem exercido qualquer interlocução. É a “ágora eletrônica” que simula a antiga polis, onde tudo se debatia. As megacorporações simulam a ágora que legitimará suas próprias estratégias de dominação e controle” (ARBEX, 1977, p.56).

A necessidade da formação da *opinião pública* faz com que a busca pelo furo de reportagem, faz com que muitos desses furos que são procurados e apreciados como trunfos na conquista da clientela estão destinados a permanecer ignorados pelos leitores ou pelos espectadores e a ser percebido apenas pelos concorrentes, e isso acontece desde os primórdios da imprensa escrita, conforme declara Clovis Rossi: “Basicamente, a imprensa do século XIX e da primeira metade do século XX (período que estabeleço arbitrariamente) foi uma imprensa de opinião e não de informação. Os jornais nasciam fundamentalmente, para defender uma causa e não para veicular notícias” (1986, p. 8-9). É nesse contexto que o sociólogo Pierre Bourdieu busca caracterizar em suas obras **O poder simbólico** e **Sobre a Televisão** as propriedades do campo jornalístico. O sociólogo propõe que o coletivo dos jornalistas

construa instâncias eficazes de julgamento crítico capazes de se opor às imposições do índice de audiência. A falta de autonomia por parte dos jornalistas é vista pelo autor como uma das principais propriedades do campo de produção jornalística.

Em relação ao grau de autonomia de um jornalista em particular, para o sociólogo Pierre Bourdieu, depende diretamente do grau de concentração da imprensa, que ao reduzir o número de profissionais aumenta a insegurança do emprego. Embora as propriedades do campo jornalístico se sobressaiam aos demais campos, até mesmo o econômico, é importante destacar alguns conceitos estabelecidos pela Indústria Cultural.

Já na década de 1950, o conceito de Indústria Cultural cunhado por Theodor Adorno estabelecia que a atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural daquela década não tinha necessidade de ser explicada em termos psicológicos.

Os produtos, desde o mais típico, o filme sonoro, paralisam aquelas capacidades pela sua própria constituição objetiva. Eles são feitos de modo que a sua apreensão adequada exige, por um lado, rapidez de percepção, capacidade de observação e competência específica, e por outro é feita de modo a vetar, de fato, a atividade mental do espectador, se ele não quiser perder os fatos que rapidamente se desenrolam à sua frente. (ADORNO, 2002, p.16).

Passadas seis décadas, a indústria cultural permanece sendo a indústria do divertimento. Para Adorno, o seu poder sobre os consumidores é medido pela diversão, e, em se tratando da televisão, esse poder é medido pelo índice de audiência, pelo furo de reportagem, pelo *fast-thinking* e pela verdade única.

Dessa forma, os discursos exercidos no campo das produções jornalísticas que buscam a verdade propriamente dita, suscitam a impaciência, logo exige que chegue com rapidez ao fim comercial. Esse ciclo vicioso faz com que o espectador não trabalhe com a própria cabeça como apresenta Adorno: “O produto prescreve toda e qualquer reação: não pelo seu contexto objetivo – que desaparece tão logo se dirige à faculdade pensante – mas por meio de sinais. Toda conexão lógica que exija alento intelectual é escrupulosamente evitada”. (2002, p.31).

Considerações finais

Diariamente uma variedade de notícia é apresentada na tela da TV. Elas veem como enxurradas. Os programas jornalísticos propiciam uma visão monolítica¹⁴ dos acontecimentos, ou seja, apresentam uma versão que, por vezes, impede uma análise dos

¹⁴ Monolítica, diz se de uma visão política ou tendenciosa para uma única corrente de pensamento.

fatos por parte do receptor. Para o telespectador o que está sendo apresentado é recebido como verdade absoluta. A televisão se tornou um campo de batalhas. Em busca do furo de reportagem e para ser o primeiro, vale tudo, até mesmo manipular os fatos. Dessa forma é por meio do índice de audiência que a lógica comercial se impõe às produções da indústria cultural na televisão. “O fim da fronteira entre informação e entretenimento obrigou o telejornalismo a se adaptar ao ritmo das mensagens publicitárias” (ABREX, 2001, p.51).

Manipulação, sensacionalismo, espetacularização, a busca incessante pelo furo de reportagem, pela notícia em primeira mão, são influências do campo jornalístico. Como afirma Bourdieu, a televisão, de fato, convida à dramatização. Na TV, a violência simbólica é exercida por intermédio do poder simbólico que esses meios possuem, ou seja, é estabelecida mediante a veiculação de imagens e discursos. Trata-se de um poder efetivo imposto sobre aqueles que a ele se submetem.

No percurso de seis décadas, a televisão brasileira tornou-se um instrumento de criação de realidades, e é, nesse sentido, um campo de produção simbólica com muito pouca autonomia, afirma o sociólogo Bourdieu. No Brasil, a televisão ainda é vista como um enigma por diversos setores da sociedade.

Temido pelo seu poder ou desprezada pelo seu conteúdo, a televisão continua esperando por trabalhos que consigam desvendar seus mecanismos de vinculação com o meio social abrangente, colocando-a na sua real dimensão de produto sofisticado do ponto de vista tecnológico, aplicado num país de capitalismo tardio. (LEAL, 1988, p.77).

Como diz o jornalista Clovis Rossi, “fazer jornal é informar no seu sentido mais amplo” (1986, p. 19), no entanto é importante destacar, não basta apenas divulgar a notícia, é preciso oferecer material para que o telespectador aprenda da melhor maneira possível.

Jogar as imagens de forma aleatória, sem se preocupar com os efeitos que ela vai causar, é sem dúvida uma forma arbitrária de dar a notícia. Quando os programas jornalísticos utilizaram imagens da pequena Isabela Nardoni sorridente, da mãe chorando a perda da filha, ou quando os repórteres a qualquer custo não mediram esforços para capturar a melhor imagem no sequestro de Santo André, cometeram uma arbitrariedade, afinal o que está em jogo são sentimentos e emoções de pessoas que, de uma hora para outra viram suas vidas expostas diante da televisão. O próprio repórter Márcio Campos foi capaz de declarar em seu livro que o cenário que marcou o fim trágico da adolescente Eloá Cristina Pimentel mais parecia um palco de peça dramática. “Ali, de frente para o cenário, que mais parece um palco de uma peça dramática, me posiciono com nossa equipe de

transmissão ao vivo” (2008, p. 26). E, mesmo diante de uma situação dramática e real, o repórter se manteve intacto e posicionado por tantas vezes que fosse necessário.

Pontualmente às três e meia, conforme programado, sou chamado para passar as últimas informações do caso. [...] Faço o mesmo, procuro um lugar para me esconder, mas não acho. Posiciono-me atrás do tripé da câmera. Minha narração é contínua e, apesar do clima tenso, não perco o fio da meada e continuo. (CAMPOS, 2008, p.28)

Tornou-se comum o país parar diante da televisão para acompanhar acontecimentos de proporções gigantescas. O julgamento de Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá é a prova de que a televisão exerce um grande poder sobre a sociedade. Ainda nos primeiros dias de investigação, manchetes de jornais, revistas, internet, rádio e televisão se antecipavam às investigações. Os veículos de comunicação realizavam suas próprias investigações e isso inevitavelmente contribuiu para as proporções que o caso tomou.

Acontecimentos de grande repercussão, como a morte da pequena Isabela Nardoni, da adolescente Eloá, do pequeno João Helio, o sequestro do ônibus 174 no Rio em 2000, o caso da escola Base, Mércia Nakashima, Marcio Matsunaga e tantos outros, faz com que programas como o Ver TV¹⁵ discutam o papel da TV na sociedade. Para a diretora do programa, Alessandra Esteves “Os programas sensacionalistas que veiculam notícias como enxurrada acreditando que estão contribuindo para a formação da opinião pública, ferem uma série de princípios e ainda colaboram para enfraquecer culturalmente o telespectador”. Tal afirmação tem coerência e segundo Sandra Reimão o ‘bombardeio’ de informação não torne o espectador mais crítico, mas certamente significa mais opções, (1977, p.92).

Se partirmos do princípio que os meios de comunicação em geral estão presentes em nossas vidas de forma a transmitir valores, percepções e socializando gerações e gerações, podemos afirmar que a televisão consegue impor no universo das famílias tudo aquilo que se projeta no vídeo. Para Baccega, “Ela (a televisão) até mesmo leva vantagem em relação aos demais agentes: sua linguagem é ágil e está muito mais integrada ao cotidiano”, (2000, p.95). É nítido que existe um emolduramento no qual o domínio do campo simbólico permite influenciar as faculdades cognitivas de um indivíduo ou de seu coletivo. Programas vazios apresentam ao telespectador aquilo que ele quer ver e ouvir, e não o que eles realmente precisam ver e ouvir. Outros estimulam a violência e transformam personalidades. Diante disso, chegamos à seguinte conclusão: é preciso que a sociedade

¹⁵ O programa surgiu como resultado da campanha Quem Financia a Baixaria é Contra a Cidadania e de órgãos públicos como a Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados. É produzido pela TV Câmara juntamente com a TV Brasil.

tenha plena consciência de que se é parte integrante desse contexto. É preciso pensar, refletir, entender e saber analisar aquilo que é repassado; é necessário enfrentar a discussão; e reconhecer que, enquanto ficamos parados, os meios de comunicação foram crescendo e se articulando e todo este processo está associado à questão da cidadania, compreendida não como um estado natural, mas como uma conquista.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural e Sociedade**. Editora Paz e Letras, 2002.

ARBEX JR, José. **Showrnlismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BIZ, Oswaldo. GUARESCHI, Pedrinho A. **Mídia, Educação e Cidadania: tudo sobre o que você deve saber sobre mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BOURDIEU, Pierri. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 1998.

_____. **Sobre a Televisão** – seguido de: A influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CAMPOS, Márcio. **A tragédia Eloá** – uma sucessão de erros. São Paulo: Landscape, 2008.

CANAL DA NOTÍCIA. **Sequestro sobe audiência do "A tarde é sua"**. Disponível em: <http://canaldanoticia.blogspot.com/2008/10/sequestro-sobe-audicia-do-tarde-sua.html> Acesso em: 15/10/2010.

HAMBURGER, Esther; BUCCI, Eugênio; COMPARATO, Fábio Koder; PRIOLLI, Gabriel; SIMÕES, Imina; LEAL FILHO, Laurindo; BACCEGA, Maria Aparecida; KEHL, Maria Rita; MOREIRA, Roberto; LOPES, Vera O. Nusdeo. **A TV aos 50** – criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário – São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

LEAL FILHO, Laurindo. **Atrás das câmeras** – relações entre cultura, estado e televisão. São Paulo: Summus, 1998.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2003.

NUNES, Leticia. **Mídia exagerou na cobertura do sequestro de Santo André**. Observatório da Imprensa. 21 out. 2008. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=508ASP013> Acesso em: 29/08/2010.

ONLINE, Folha. **Rapaz mantém ex-namorada refém há mais de 70 horas; família acompanha negociação**. **Folha Online caderno Cotidiano**. 16 out. 2008. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u456879.shtml> Acesso em: 15/08/2010.

REIMÃO, Sandra. **Em instantes** – notas sobre a programação na TV brasileira (1965 – 1995). São Paulo: Faculdades Salesianas, 1997.

ROSSI, Clóvis. **Vale a pena ser jornalista?** São Paulo: Moderna, 1986.